

# IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024

Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"



## REMUNERAÇÃO RELATIVA FEMININA NOS SETORES ESTRATÉGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO BRASILEIRO (2010 – 2021)

Davi Lucena da Silva<sup>1</sup>, Glória Maria Frasão Alves<sup>2</sup>, Jennifer de  
Andrade Freires<sup>3</sup>, Francisco do O' de Lima Júnior<sup>4</sup>

**Resumo:** Com base nos debates desenvolvimentistas, que abrangem mais do que o aumento do PIB, mas também a melhor alocação de recursos e a inclusão social, este estudo investiga a diferença salarial entre homens e mulheres nos principais setores da economia brasileira entre 2010 e 2021, utilizando os índices de Hirschman-Rasmussen. A integração produtiva, conforme enfatizado por autores como Furtado (1983) e a CEPAL, é crucial para o desenvolvimento econômico. No entanto, a inserção feminina nesses setores estratégicos tem sido pouco explorada. Este trabalho visa compreender como as desigualdades de gênero se manifestam em setores mais interligados da economia, onde o encadeamento produtivo tem maior impacto no crescimento econômico. A pesquisa revela que, nos setores mais integrados, a remuneração feminina é geralmente inferior à masculina, com exceção do setor de Construção (classificação F, conforme a CNAE 2.0), onde as mulheres recebem remuneração superior à dos homens. Além disso, foram identificados períodos críticos para a equidade salarial, como entre 2011 e 2015, quando as disparidades aumentaram devido à crise econômica. Esses achados reforçam a importância de uma análise de gênero no contexto de integração produtiva, especialmente nos setores mais relevantes para o desenvolvimento econômico.

**Palavras-chave:** Diferenças Salariais de Gênero. Índices de Hirschman-Rasmussen. Setores Estratégicos. Desenvolvimento Econômico.

### 1. Introdução

O conceito de "Desenvolvimento Econômico" abrange mais do que o aumento do PIB (Produto Interno Bruto), incluindo a melhor alocação de recursos e a promoção de inclusão social, como afirmam Jaguaribe (1962) e Furtado (1983). No Brasil, o debate ganha corpo de modo mais definido após os anos 1980-90, quando as assimetrias econômicas em diversos aspectos atingem maior visibilidade, exigindo-se compromisso de melhoria das condições de vida da população. Não obstante um conjunto de preocupações importantes como a

1 Universidade Regional do Cariri, email: [davi.lucena@urca.br](mailto:davi.lucena@urca.br)

2 Universidade Regional do Cariri, email: [gloria.frasao@urca.br](mailto:gloria.frasao@urca.br)

3 Universidade Regional do Cariri, email: [jennifer.andrade@urca.br](mailto:jennifer.andrade@urca.br)

4 Universidade Regional do Cariri, email: [lima.junior@urca.br](mailto:lima.junior@urca.br)

# IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



*Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"*

integração produtiva para o desenvolvimento venha sendo uma questão importante desde as reflexões advindas da CEPAL, em 1948. Furtado (1983) destacou a importância da integração entre setores, promovendo coesão econômica, progresso técnico e melhoria das condições de vida.

A identificação de "setores-chave" com alta intersectorialidade é fundamental para políticas que promovam tanto o crescimento econômico quanto a inclusão social. Mollo e Takasago (2019) destacam que setores com forte encadeamento, como construção civil e indústria de transformação, têm maior impacto sobre a economia. Estudos de Montoya e Finamore (2005) e Sousa et al. (2010) mostram como a análise da matriz insumo-produto, por meio dos índices de Hirschman-Rasmussen, revela setores essenciais para o crescimento. No entanto, a participação feminina nesses setores é pouco abordada. Estudos como os de Bruschini (1994) e Leone (2019) focam na desigualdade salarial e nas barreiras enfrentadas pelas mulheres, mas não na inserção setorial.

## 2. Objetivo

Este estudo analisa a diferença salarial entre homens e mulheres nos setores mais interligados da economia brasileira entre 2010 e 2021. Os setores serão definidos pelos seus níveis de inter-relação, seguidos da comparação entre a remuneração média feminina e masculina e a evolução dessa proporção ao longo do período.

## 3. Metodologia

Esta pesquisa descritiva analisou a remuneração média das mulheres em setores da economia brasileira, classificados pela CNAE 2.0, em três etapas. Primeiramente, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a inserção feminina no mercado de trabalho, com base em autores como Leone (2019), Baltar e Omizzolo (2020) e Melo e Morandi (2021), impactado pela crise econômica e a pandemia de Covid-19. Em seguida, uma pesquisa "ex-post facto" utilizou os índices de Hirschman-Rasmussen, calculados pela Matriz Inversa de Leontief de 2015, para identificar setores mais interligados (acima da média). Finalmente, dados do SIDRA/IBGE foram analisados para comparar os salários femininos e masculinos entre 2010 e 2021.

## 4. Resultados

A aplicação dos índices de ligações de Hirschman-Rasmussen da Matriz Insumo-Produto do Brasil de 2015, elaborada pelo IBGE, permitiu identificar setores com maior e menor intersectorialidade. Conforme Guilhoto et al. (2002), os setores com somas de efeitos de dispersão e sensibilidade de dispersão acima da mediana (1,95) foram classificados como "Mais Integrados", enquanto aqueles abaixo foram considerados "Menos Integrados". Entre os setores mais integrados estão: Indústrias de transformação (C), Eletricidade e gás (D),

# IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

## XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

Transporte, armazenagem e correio (H), Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (G), Atividades científicas, profissionais e técnicas (M), Informação e comunicação (J), Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (K), Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (A), Atividades administrativas e serviços complementares (N) e Construção (F)

A Tabela 01 expõe a proporção da remuneração média feminina sob a remuneração média masculina, sendo a última o denominador, nos setores mais interligados.

**Tabela 01: Proporção Da Remuneração Média Feminina Nos Setores Mais Interligados (2010 – 2021)**

NO	F									
010	7,09%	1,22%	7,89%	15,74%	0,85%	8,91%	4,25%	3,33%	4,24%	7,63%
011	5,82%	1,84%	8,62%	14,91%	0,95%	8,26%	3,44%	4,69%	2,62%	6,76%
012	5,84%	2,92%	9,27%	11,29%	1,02%	2,45%	3,61%	4,66%	1,31%	7,15%
013	4,88%	2,80%	0,69%	08,69%	1,22%	3,19%	2,68%	2,99%	0,85%	5,90%
014	5,62%	3,80%	9,70%	08,90%	1,48%	2,44%	3,36%	2,10%	1,29%	4,44%
015	6,33%	5,20%	1,55%	08,96%	2,55%	1,79%	1,78%	3,07%	2,57%	5,92%
016	7,13%	6,76%	2,94%	09,82%	3,80%	1,32%	2,21%	2,02%	3,84%	5,84%
017	8,04%	7,86%	4,08%	06,75%	4,93%	0,76%	4,02%	2,35%	4,51%	6,99%
018	1,31%	8,96%	6,36%	07,38%	5,17%	1,44%	5,74%	1,10%	6,08%	7,82%
019	3,42%	1,54%	8,70%	16,18%	5,63%	4,29%	5,98%	1,85%	9,65%	9,70%
020	2,54%	1,61%	9,09%	09,18%	3,66%	4,33%	6,14%	0,41%	8,38%	7,91%
021	3,02%	2,72%	8,70%	09,53%	5,37%	5,21%	6,57%	0,27%	9,47%	9,82%

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA – IBGE (2024)

Ao analisar os setores com maior integração, o setor F (Construção) apresentou a maior proporção, com a remuneração feminina superando a masculina em todos os anos, com média de 110,61%, ou seja, 10,61% a mais. Este fato pode estar associado à maior presença feminina em subsetores de concepção e gestão da atividade, com remunerações geralmente mais elevadas. Em seguida, estão os setores H (93,70%), G (83,05%) e D (82,30%), onde a remuneração feminina mais se aproximou da masculina. Outros setores são: A (79,25%), N (77,16%), M (74,57%), J (74,15%), C (66,44%) e K (62,40%).

A média geral de proporção ano a ano foi de 80,36%, com 2019 (83,69%), 2021 (83,07%), 2020 (82,32%) e 2018 (81,14%) como os melhores anos, e 2014 (78,31%), 2013 (78,39%) e 2012 (78,95%) como os piores. O setor C apresentou

# IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

o maior crescimento na remuneração feminina, com 17,40%, seguido por D (14,34%), A (9,29%), M (7,03%) e G (5,51%). Já os setores H (-3,56%), K (-4,80%) e F (-4,88%) tiveram retrações na remuneração feminina

De 2010 a 2014, as mulheres enfrentaram perdas significativas na proporção salarial, especialmente no governo Dilma entre 2011 e 2016, com uma redução de 1,63%. Entre 2016 e 2018, o crescimento foi de 28,77%, o melhor período analisado, enquanto entre 2019 e 2021 houve um crescimento total de 26,84%, com destaque para 2019 (30,26%) e a intensificação da desigualdade em 2020 (-12,60%).

Em síntese, entre os períodos, de 2011 a 2016, sob uma crise econômica e política, a evolução total da proporção foi a menor de todos setores estudados, sendo até negativa nos setores mais integrados. No período seguinte, até 2018, encontram-se as maiores evoluções. Entre 2019 e 2021 estão os registros de maior retração da proporção, no auge da crise da Covid-19, mas ainda assim com um acumulado superior aos primeiros anos estudados, graças aos expressivos resultados de 2019.

## 5. Conclusão

Os resultados desta pesquisa revelam que, nos setores mais interligados da economia brasileira, a remuneração feminina foi majoritariamente inferior à masculina, com exceção do setor F, onde as mulheres superaram os homens em todos os anos analisados. Apesar de algumas melhorias recentes, o período entre 2011 e 2015 foi o pior para a equidade salarial.

Esses achados reforçam a relevância do conceito de inter-relação setorial, conforme discutido na introdução, destacando que, embora os setores mais interligados sejam cruciais para o desenvolvimento econômico, a equidade de remuneração entre homens e mulheres nesses setores ainda é uma questão pendente. As crises políticas e econômicas, como a de 2011 a 2015 e a pandemia de Covid-19, evidenciam a vulnerabilidade da equidade salarial.

## 6. Referências

BALTAR, C. T.; OMIZZOLO, J. A.; Participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro de 2014 a 2019. *Textos de Economia*, v. 23, n. 1, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8085.2020.e71522>. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085.2020.e71522>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, supl. especial, p. 179-199, dez. 1994. ISSN 0104-026X.

FURTADO, Celso. (1961). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

# IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: “CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES”

GUILHOTO, J. J. M et al.; Nota metodológica: construção da matriz insumo-produto utilizando dados preliminares das contas nacionais. 2002, Anais. São Paulo: ABER, 2002. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001276360>. Acesso em: 25 jun. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Comissão Nacional de Classificação, 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9085-matriz-de-insumo-produto.html>. Acesso em: 25 jun. 2024.

JAGUARIBE, Hélio. (1969 [1962]). Desenvolvimento Economico e Desenvolvimento Politico. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LEONE, E. T. Participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro no contexto do crescimento econômico com distribuição de renda (2004-2013). Texto para Discussão, Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, n. 363, set. 2019. ISSN 0103-9466.

MELO, H. P.; MORANDI, L. A divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia. Trabalho necessário, Niterói, RJ, v. 19, n. 38, p. 105-125, jan-abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i38.45884>. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/45884>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MOLLO, M. de L.; FOSENCA, P. C. D. Desenvolvimentismo e Novo-Desenvolvimentismo: raízes teóricas e precisões conceituais. Revista de Economia Política, vol. 33, nº 2 (131), pp. 222-239, abril-junho/2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rep/a/Kh3cBfCk5QQttgnC7C7zVnC/?format=pdf&lang=pt> Acessado em 27 de julho de 2024.

MONTOYA, M. A.; FINAMORE, E. B. Delimitação e encadeamentos de sistemas agroindustriais: o caso do complexo lácteo do Rio Grande do Sul. Economia Aplicada, Passo Fundo, v. 9, n. 4, p. 663-682, dez. 2005, Disponível em: <https://biblat.unam.mx/en/revista/economia-aplicada/3>. Acesso em: 22 jun 2024.

QUEIROZ, V. S.; ARAGÓN, J. A. O.; Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. Estud. Econ, São Paulo, SP, v. 45, n. 4, p. 105-125, 787-819, out.-dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i38.45884>. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ee/a/W9vz6jr6BNmGL3JWRSpC6Yy/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2024.